
CONSIDERAÇÕES FINAIS

ALUSÕES E METÁFORAS

Já se somam quase 60 anos desde o surgimento do computador e da internet como ferramentas e instrumentos de sociabilidade. A partir do uso institucional e militar, e posteriormente pela imersão doméstica do *personal computer* no centro das salas de estar, somam-se, igualmente pouco menos de 60 anos de transições na forma pela qual a comunicação tem sido realizada pelo indivíduo contemporâneo. E entre transformações, caminhos e trajetórias, a reflexão sobre as práticas se produz também como um exercício de experimentações, com avultada dificuldade em decorrência da velocidade pela qual os dispositivos se alteram e se imiscuem na realidade e nas relações cotidianas, objeto sociológico por excelência. Em decorrência dessas mesmas transformações, novos padrões e estruturas de sentimentos despontam, ao mesmo tempo em que padrões antigos são contestados¹, em um quadro que por vezes pode aterrorizar os mais conservadores ou iluminar as expectativas dos mais idealistas. Ao longo dessa pesquisa, eu mesma passei de uma perspectiva para a outra, estando ao lado os românticos quando iniciei minha aproximação com o objeto, passando por vezes ao apocalíptico diante de alguns resultados.

¹ Cf. Elias, 1993, p.267.

Minha trajetória nas redes sociais e nas potencialidades da participação democrática por “todos” foi responsável por me fazer ver, num primeiro momento, as grandes vitórias em termos de independência comunicacional que a internet promoveu ao longo dos últimos 20 anos, o que é igualmente importante, mas não se basta, tendo em vista a série de camadas ocultas que controla, sugere e rearranja as práticas humanas, especialmente em suas expressões mais íntimas. E foi somente após a imersão na pesquisa e dos quatro anos dedicados ao convívio diário nas redes que pude perceber meus próprios automatismos, quando fui enfim capaz de retirar os véus das qualidades puras e identificar a forma entorpecida pela qual o passatempo se tornou um ofício para boa parte dos usuários conectados.

A obrigatoriedade da existência conectada, a sobrevalorização dos laços sociotécnicos² e a decorrente codificação das conexões humanas³ resultou, igualmente, na “elevação de toda uma sociedade ao estágio paródico de uma farsa integral, de um retorno-imagem implacável sobre a sua própria realidade”⁴, em uma construção de registros sobre a vida e sobre os indivíduos que se maquiniza e descomplexifica. Transformou, por fim, toda e qualquer forma de experiência em imagem registrável e compartilhável, em relações de troca que colocam o Eu no centro das interpretações e intervenções possíveis sobre o mundo.

E é por este motivo que, ao mesmo tempo em que é necessário superar as distopias das ficções científicas é preciso partir dos dispositivos para a explicação da realidade, em decorrência do fato de haver uma alteração profunda na forma como as coisas são tratadas e assimiladas quando passam pela intermediação das ferramentas comunicativas das redes. É claro que a relação do sujeito com a imagem, com a tecnologia, com seus pares, bem como a construção dos seus desejos, especialmente os que dizem respeito à admiração conquistada⁵, não são resultado puro da produção da individualidade nos sites de relacionamento nos últimos 18 anos, entretanto, a forma pela qual tais categorias tomaram importância diante da existência “real” é que são elas.

² Cf. Lash, 2001.

³ Van Dijck, 2016, p.16.

⁴ Baudrillard, 2004, p.42.

⁵ Ver ilustrações do artista polonês Pawel Kuczynski. *Gods*, 26 de novembro de 2016; *Confession*, 9 de maio de 2014; *Periscope*, 29 de agosto de 2013 e *Alone in the crowd*, 18 de agosto de 2014. Todas as imagens estão disponíveis em <https://www.facebook.com/pawelkuczynskiart/>

A questão que fica deste debate são os caminhos possíveis sobre a produção destas identidades fraturadas⁶, construídas dia a dia sobre recortes da própria existência, sobre o consumo e sobre a reação afetiva (mas distanciada do outro), junto, por óbvio, às produções de novas mercadorias e novos mercados que colocam o sujeito em um estado de transe⁷, em uma dependência que Baudrillard compara à síndrome de Estocolmo⁸. Embora tenhamos informação sobre o funcionamento das redes e sobre a forma pela qual nossa vida tem sido comercializada, nos deixamos levar pela comodidade promovida pelos serviços e aceitamos as consequências como uma condição pela qual a própria sociedade é construída na contemporaneidade. A personalização da publicidade, dos atendimentos e circulações, a digitalização das experiências, as possibilidades de ser visto e ser lembrado, a produção de um registro autobiográfico referendado pelos pares e a facilitação das atividades cotidianas pelo auxílio tecnológico (dos *gps* dos carros aos sistemas de segurança nas residências) são benefícios suficientes para outorgar o uso de dados às corporações.

Apesar de hoje ser possível comunicar com muito mais facilidade e de uma forma mais horizontal, o que aproxima, por sua vez, o indivíduo das empresas, celebridades e *influencers*, é igualmente mais fácil tomar as experiências e impressões individuais como a realidade coletiva, já que as respostas obtidas na interação são reações sobre as expressões privadas de um perfil. O corpo feminino, a guerra, a violência social, a política, os acontecimentos, amizades e a própria individualidade são mediados pelas caixas de postagem e pelas ferramentas reativas, que condicionam as relações a manifestações emotivas sobre quaisquer que sejam as sugestões reproduzidas no *flow*. Em outras palavras, a realidade em si passa pelo dispositivo diante dos olhos do usuário e vem acompanhada das impressões, percepções e reações dos amigos, resultando na sua imersão a um único universo e na anteposição do mundo sobre uma tela.

Canclini⁹ faz uma ponte muito persuasiva entre o uso do celular pelo sujeito contemporâneo e a dependência narrada por Julio Cortázar com relação ao relógio de pulso. Essa alusão, que pode ser estendida a outros dispositivos tecnológicos, como o computador ou o próprio Meta e suas redes, merece a reprodução integral por desnudar a forma pela qual as relações com os objetos são produzidas como extensões da própria existência do sujeito.

⁶ Cf. Haraway, 2014, p. 47.

⁷ *Ibid.*, p.92.

⁸ Cf. Baudrillard, 2004, p.59.

⁹ Cf. Canclini, 2013.

Piensa en esto: cuando te regalan un reloj te regalan un pequeño infierno florido, una cadena de rosas, un calabozo de aire. No te dan solamente el reloj, que los cumplas muy felices y esperamos que te dure porque es de buena marca, suizo con áncora de rubíes; no te regalan solamente ese menudo picapedrero que te atarás a la muñeca y pasearás contigo. Te regalan -no lo saben, lo terrible es que no lo saben—, te regalan un nuevo pedazo frágil y precario de ti mismo, algo que es tuyo pero no es tu cuerpo, que hay que atar a tu cuerpo con su correa como un bracito desesperado colgándose de tu muñeca. Te regalan la necesidad de darle cuerda todos los días, la obligación de darle cuerda para que siga siendo un reloj; te regalan la obsesión de atender a la hora exacta en las vitrinas de las joyerías, en el anuncio por la radio, en el servicio telefónico. Te regalan el miedo de perderlo, de que te lo roben, de que se te caiga al suelo y se rompa. Te regalan su marca, y la seguridad de que es una marca mejor que las otras, te regalan la tendencia a comparar tu reloj con los demás relojes. No te regalan un reloj, tú eres el regalado, a ti te ofrecen para el cumpleaños del reloj.¹⁰

O objeto é assim “um novo pedaço frágil e precário de ti mesmo” que implica necessidades, obrigação, obsessão e no medo, assim como coloca sobre o corpo a sua própria marca e suas tendências. Ao contrário do que parece, não é o objeto o acessório do corpo, mas o indivíduo que passa a ser determinado pela existência dele, em decorrência de uma dependência artificial que condiciona a realização das suas práticas e de seu próprio entedimento. O celular é sacado do bolso para ver as horas, consultar a avaliação de qualidade de um estabelecimento, o trânsito a um destino, a previsão do tempo, o registro de um acontecimento, para visualizar notícias, para mandar um recado a um amigo e, sobretudo, em todas essas ocasiões, para obter respostas. É um oráculo¹¹ contemporâneo, construído com base nas preferências assimiladas pelo uso contínuo e que fornece, assim, a partir da construção de um ideal sobre o usuário, as soluções que se deseja obter e na forma que se almeja. Não há confronto nem dúvida, em decorrência de o objeto tornar-se o espelho e a extensão do próprio indivíduo.

Uma vez que o mundo contemporâneo jaz “povoado por cyborgs”¹², em decorrência da dominação informacional, a performatização do eu se dá, igual-

¹⁰ Cortázar, 2014, pp. 1-2.

¹¹ Douglas Adams, ainda na década de 70, concebeu a imagem do Pensador Profundo, um supercomputador que era, na realidade, o próprio planeta Terra, e que após 7.5 milhões de anos finalmente processou a resposta da pergunta fundamental sobre a *vida, o universo e tudo mais*: 42. Embora não haja dúvidas sobre a conclusão, em decorrência da destruição do planeta para construção de uma rodovia, até hoje não se sabe qual é a pergunta. Para processá-la, seriam necessários mais 10 milhões de anos, restando, por fim, uma única suposição, “*how many roads must a man walk down?*”. Cf. Adams, 2010.

¹² Bourdieu, 2001, pp.53-54.

mente, em virtude das dinâmicas de visibilidade e do uso contínuo dos dispositivos tecnológicos como expedientes do próprio corpo. Os *smartphones* são, assim, parte efetiva do corpo biológico, que deles depende, substituindo relógios de pulso, aparelhos de som, câmeras fotográficas, jornais impressos, mapas, documentos e até mesmo o telefone e o dinheiro. De tal modo, a dependência sobre um único aparelho favorece a efetivação da individualidade por meio da intermediação do objeto, já que ele é o canal pelo qual se assimila e intervém no mundo, nos acontecimentos, atividades, práticas e na própria autoreflexividade como fim inerente dos registros.

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo. [...] O ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida [...]. Trata-se de uma luta de vida e morte, mas a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica.¹³

São, assim, muitas as conveniências dessa relação com o objeto e aceitá-las prontamente é aceitar igualmente os controles das técnicas e do material, negligenciando o fato de que a racionalidade técnica é a racionalidade da própria dominação¹⁴. O mundo é pensado e se pensa por intermédio do dispositivo, de modo que as ideias passam a ser instrumentalizadas e maquinizadas¹⁵, tomadas como “regras de controle e dominação”¹⁶, unidimensionalmente nas suas aparências, desconectadas de seu funcionamento e resultados. E é por este motivo que é preciso partir do próprio dispositivo para desvelar suas interferências, já que é dele que parte a construção da realidade, em decorrência da produção de uma razão instrumental como racionalidade técnica e do poder econômico como um poder igualmente pautado nela.

É por isso, também, que esta pesquisa não foi construída como uma pesquisa **na** internet e sim **sobre** a internet e as redes sociais, uma vez que para dar conta das relações internas, da imersão dos objetos tradicionais da sociologia e da correspondência entre o mundo “real” e o mundo das atualizações, é preciso, antes de tudo, reconhecer a forma pela qual tais redes foram construídas e quais são as suas implicações e potencialidades. Tomar as redes como objeto amplifica

¹³ Haraway, 2009, p.36.

¹⁴ Cf. Adorno; Horkheimer, 1985, p.100.

¹⁵ Cf. Horkheimer, 1976, p.15

¹⁶ Marcuse, 1973, p.12; Lazzarato, 2006.

o olhar sobre os demais enunciados, já que a tentacularidade dos dispositivos altera também a forma como eles se apresentam na realidade cotidiana.

Além disso, é preciso enfatizar ainda a importância e supervalorização das trocas, pois a identificação de afinidades, que pode aproximar desconhecidos ou promover escaladas sociais, pode também gerar impasses “reais” e ações violentas pautadas na simetria das impressões. A partir deste universo, onde a subjetividade do sujeito é exteriorizada em um diário público, qualquer assunto pode ser privatizado, construindo apropriações sobre fatos cotidianos, o que resulta, por sua vez, no fortalecimento de ímpetos até então velados, mas que encontram espaço nas redes diante da concordância do outro. Junto à realidade “concreta” dos sujeitos, vivenciadas cotidiana e ordinariamente, as expressões dos fatos e de tais vivências nas redes sociais são carregadas de significações ulteriores, de juízos de valor e de soluções representacionais, que ganham materialidade no mundo “real” e portanto são objeto tão legítimo quanto as suas manifestações.

Ao refletir sobre a facilitação de acesso ao capital social nas conexões tecnologicamente mediadas, Canclini¹⁷ questiona o lugar do poder que é estabelecido nessas trocas, o que remete à reflexão sobre gozar das potencialidades dos dispositivos ou livrar-se dos seus controles. Se “o poder [corporativo] se exerce, não por exclusão das redes, senão pela imposição de regras de inclusão”¹⁸, a preponderância das máquinas para fazer falar e fazer ver¹⁹ precisa também ser posta em jogo, já que o real poder, num mundo condicionado por um monopólio comunicacional, se apresenta na forma de conexões, mas se realiza efetivamente no direito e nas condições reais de permanecer desconectado.

O sujeito desterritorializado, virtual e *videodromático* contemporâneo tem agora por condição a construção de sua perspectiva pessoal sobre a realidade que vivencia, explorando os recursos estéticos antes restritos aos profissionais, fazendo com que seja necessária uma nova forma de análise sobre estas formas de comunicação e registro da realidade. Exemplo disso é a perspectiva apontada por Canevacci²⁰, de que toda a comunicação visual gira em torno do corpo e metonimicamente sobre o rosto, de forma que as mercadorias visuais, como quaisquer outras, também se constituem sob a forma de troca de valor. Neste sentido, são constituídos também consumidores *voyeurs*, observadores visualmente sedentos pelas atualizações imagéticas das novas significações. Assim como na comuni-

¹⁷ Canclini, 2013, p.41.

¹⁸ Silveira, 2014, P. 18; Castells, 2003.

¹⁹ Cf. Silveira, 2014; Deleuze, 2006.

²⁰ Cf. Canevacci, 2001.

cação habitual, as relações com os signos têm e ganham sentido toda vez que são manipuladas, o que faz com que a posição de *voyeurismo* seja também, simultaneamente, elaborada em exibicionismo, já que criar sentido imagético, nesta lógica, é o mesmo que criar valor. Considerando tal quadro e o entendimento do virtual pela sua dupla matriz etimológica (*virtùs*) referente à potência e à virtude, é possível considerar a passagem de uma mercadoria visual, a partir da sua condição propriamente visual, para sua natureza potencial²¹, elaborando-se assim em uma amplificação hiperestésica do autor, metonimizado nas imagens de si.

“As tecnologias são produto de uma sociedade e de uma cultura. Mas a distinção traçada entre cultura (a dinâmica das representações), sociedade (as pessoas, seus laços, suas trocas, suas relações de força) e técnica (artefatos eficazes) só pode ser conceitual²², o que exige que as tecnologias e seus usos sejam contextualizados e relacionados aos fazeres dos indivíduos, sendo ao mesmo tempo reconhecidos como vetores de transformação das relações. Assim, admitindo-se que houve uma mudança significativa na forma pela qual a realidade, as relações e o próprio sujeito passam a ser produzidos após a disseminação das redes sociais, é necessário ainda considerar que nem todas as estruturas formais são transformadas. O sujeito ainda permanece angustiado com a sua presença no mundo e o sentido da sua existência²³ e ainda precisa adequar-se aos valores e às predisposições simbólicas exigidas dele enquanto sujeito social, reagindo às instituições e às autoridades.

Neste sentido, a autoimagem do sujeito é definida na relação público-privado a partir da virtualização e desterritorialização das suas fronteiras, onde as expressões de personalidade privada passam a fazer parte das expressões coletivas nas redes sociais, enquanto o público é privatizado em nome das construções ficcionalizadas do sujeito em sua interpretação sobre si mesmo. Por esta via, é evidente o reconhecimento desta produção mercadológica como uma produção ficcional, em razão da elaboração personificada de uma ideia, de uma personagem (no sentido estrito do termo), pois que a utilização do aparelho – meio virtual²⁴ promove assim a emancipação do signo e sua transposição, em uma piscadela geertziana de significado universal.

Em resumo, a pesquisa trata da produção da vida como mercadoria, na narrativa produzida cotidianamente nas redes sociais, considerando que a comuni-

²¹ Cf. Lévy, 1999.

²² Lévy, 1999, p.22.

²³ Cf. Elias, 1994.

²⁴ Cf. Flusser, 2009.

cação tecnologicamente mediada se estabelece por intermédio da imagem e pela dramatização, tendo como resultado perverso dessa técnica a ficcionalização da realidade social. De tal forma, mesmo a pesquisa teve de ser distanciada da metonimizadas, e eu mesma, igualmente, precisei declinar delas, numa tentativa de distanciamento praticamente impossível, dadas as determinações que o próprio objeto impôs ao longo de toda a investigação. Foi por este motivo que passei mais de um ano fora do Facebook. Fechei meu perfil, abandonei minhas conexões e pude de fato experimentar, pela ausência, as forças que determinam mesmo o lado de fora.

Retomar este texto em 2021, 3 anos após a conclusão da tese, atualizando dados e confrontando as análises com eventos recentes, em especial os decorrentes da Pandemia, demonstrou que apesar das amplificações dos acontecimentos, os padrões ainda seguem os mesmos. De tal modo, a ficcionalização e seus efeitos confirmam que o Brasil opera sob a produção de sentido da sua realidade em diálogo direto com a mediação das plataformas comunicacionais, apesar do deslocamento dos usos do Facebook para o Instagram, junto ao uso amplamente difundido do WhatsApp.

Não à toa, em meados de 2021 a juventude brasileira traz à baila um debate geracional importante sobre o papel da internet e o deslocamento da geração Millennial ao mundo da tradição. Os nascidos na década de 1980, os primeiros a viver a adolescência sob o crivo da internet foram nominados *cringes* pela Geração Z, os nascidos a partir de 2000, e que agora integram o mundo dos jovens adultos neste mesmo universo conectado. A disputa de um campo onde jovens e velhos precisaram adaptar-se rapidamente aos recursos tecnológicos para realizar seus *homeoffices* fez com que a Gen-Z, a primeira inteiramente socializada pelas redes, apontasse hábitos e comportamentos dos seus predecessores como práticas cafonas e obsoletas, especialmente aquelas relacionadas aos usos difundidos de *emojis*, a literatura juvenil, gostos musicais e roupas femininas.

O que aparenta ser uma provocação ou uma preocupação estética por parte destes jovens, é na realidade o demarcador da ruptura geracional que empurrou a geração anterior para o mundo adulto efetivamente. Ora, para a História, as gerações se sucedem a cada 25 anos, processo que tem se acelerado também em virtude da aceleração das técnicas e da comunicação mediada. Atualmente além da Geração Z e dos Millennials, observamos igualmente a Geração Alpha composta pelos nascidos a partir de 2010. Ou seja, entre os baby boomers, nascidos em 1940 e a Geração Alpha há a redução de 25 para 10 anos entre o surgimento de uma geração e outra. Como dissemos, as redes proporcionaram o

surgimento de uma nova estrutura de sentimentos, o que demonstra que cada um dos períodos históricos protagonizados pela juventude aponta para caminhos e aprimoramentos que questionam o *modus operandi* da geração anterior. É o que temos observado é justamente a demarcação desta juventude²⁵ com o “agente revitalizador” de Mannheim²⁶, uma vez que os adolescentes e jovens “não tomam a ordem estabelecida como indiscutível e não têm interesses comprometidos, seja com sua ordem econômica, seja com sua ordem espiritual”²⁷. A geração dos baby boomers, nascidos entre as décadas de 1940 e 1960, filha da televisão, foi a responsável por avanços significativos com relação à independência feminina e incursão no mercado de trabalho, ao passo que a geração X, a dos nascidos entre os 1960 e 1980 foi a protagonista da difusão e fortalecimento das pautas distintas dos movimentos sociais. Atualmente, os Millenials apropriaram-se dessas práticas e formas de compreender o mundo, atualizando e normalizando eventos que até as décadas anteriores estavam em disputa. Ou seja, a cristalização do feminismo, das questões relacionadas à diversidade étnica e sexual são os grandes efeitos da atuação desta geração na estrutura de sentimentos atual.

Ainda de acordo com Mannheim,

As gerações mais velhas ou intermediárias podem ser capazes de prever a natureza das mudanças futuras e sua imaginação criadora pode ser empregada para formular novas políticas; mas a nova vida será vivida apenas pelas gerações mais jovens. Estas viverão os novos valores que os velhos professam somente em teoria.²⁸

De tal forma, todas as disputas promovidas pelas gerações anteriores serão assentadas pela juventude a partir da normalização das demandas que passam a impor uma nova marcha para a sociedade de forma integral. É por este motivo que observamos com “naturalidade” o deslocamento do padrão de beleza feminino para os corpos naturais, por exemplo, na mesma medida em que as mulheres negras tem realizado um processo coletivo e generalizado de transição capilar, tornando a usar os cabelos encaracolados e crespos, uma vez que passam a operar igualmente como parte deste mesmo padrão. A presença de pessoas negras nas bancadas dos jornais televisivos e na publicidade, bem como de pessoas e casais homoafetivos mostram, na realidade, justamente a cristalização dos impactos promovidos pelas gerações anteriores.

²⁵ A gíria *cringe* tem origem na língua inglesa e passou a significar entre os mais jovens os comportamentos cafonas, vergonhosos ou desatualizados da geração anterior.

²⁶ Cf. Mannheim, 1954, p.96.

²⁷ Mannheim, 1954, p.97.

²⁸ Ibid, p.93.

Ocorre que a Gen-Z, ao assumir o protagonismo enquanto juventude, empurra os Millennials para a tradição reconhecendo seus impactos no tempo histórico, porém apontando as falhas e questões que estes, agora adultos, foram incompetentes em resolver. Assim, o que parece apenas reflexo de um meme ou uma oposição estética, se constitui em uma ruptura de grande importância, que se sustenta sobre a tríade *cringe* café, boletos e “litirão”. Esta tríade aparentemente desconectada aponta, na realidade, para o impiedoso mundo do trabalho e da sociedade disciplinar, uma vez que se refere aos efeitos energéticos da cafeína consumida ao longo da jornada diária de trabalho, o *happy hour* e o uso abusivo de álcool como equilibrador do lazer diante das rotinas laborais e, por fim, a vida pautada em um trabalho remunerado e no pagamento das contas. Basicamente, desde a Revolução Industrial impomos um ritmo de trabalho pautado na jornada de 40 ou 44 horas semanais, batendo cartão e cumprindo horário nas empresas, que atualmente fazem uso de recursos biométricos e de vigilância por imagens nos ambientes internos e externos ao local de trabalho. Da mesma forma, a medida da produtividade está condicionada ao cumprimento de horário e à reprodução daquilo de Byung-Chul Han chama de “sociedade do cansaço”²⁹.

Em resumo, o que esta geração chama de *cringe*, ou seja de antiquado e ultrapassado, é justamente o adoecimento decorrente de uma vida extenuante de trabalho. Embora os Millennials tenham trazido à luz das pautas atuais as questões relacionadas à saúde mental, especialmente a ansiedade e a depressão, pouco fizeram (fizemos!) diante da relação direta entre os dois aspectos. Assim, o ritmo diário, semanal e mensal que se estende por 40 anos e compreende o manter-se acordado e alerta tomando café o dia todo, para ao final do dia ou final de semana utilizar o álcool como recurso disruptivo e, enfim, quitar os custos da existência via recebimento do salário no final do mês é o ponto fulcral desta disputa que começou em tom de brincadeira no Instagram e TikTok.

Assim, a hibridização do trabalho decorrente do isolamento social imposto pela Pandemia acionou um gatilho sobre a importância do descanso, do lar e do trabalho apenas como parte da vida e não mais como condicionador da existência. Na mesma medida, o reconhecimento da amplitude da reflexividade e da produção de sentido de si, via a comunicação mediada traz à tona o empreendimento da autobiografia e o questionamento sobre um universo ainda conservador, onde os cancelamentos tornam-se armas no confronto com protagonistas da tradição e dos estigmas. Em resumo, a geração atual tem colocado um freio na aceleração e no automatismo resultante da vida conectada, reconhecendo que as

²⁹ Cf. Han, 2017.

ferramentas tecnológicas são responsáveis por amplificar a produtividade diante de um projeto de tarefas a ser desempenhadas, fazendo com que o tempo, o lazer, a criatividade e a observação tornem-se recursos caros à vida dentro e fora das redes.

Em tempos onde confunde-se *playbor*, ócio e entretenimento, ficam os desafios sociológicos sobre as jornadas das gerações mais novas, que reconhecem um mundo em funcionamento de forma muito diferente daquela a que estávamos acostumados. A crise das representatividades, bem como dos sentidos clássicos sobre a existência, o trabalho, a subjetividade e a produção de si como registro imagético e histórico confrontam-se diretamente com os recursos técnicos disponíveis, que favorecem, por sua vez, observações sobre si e o outro de forma metódica e assídua.

Em uma conclusão breve das questões apresentadas nessa pesquisa, a avidez de bisbilhotar e consumir vidas alheias³⁰ se metaforiza, afinal, na janela indiscreta de Hitchcock³¹, onde cada usuário se transforma ao mesmo tempo em James Stewart e Truman Burbank³², ao passo que a resistência, quando possível, se produz ao caminhar menos em direção a *Blade Runner*³³ e mais à *Rosa Púrpura do Cairo*³⁴. Ou seja, menos ao apocalipse e mais ao egresso voluntário ou à consciência da sua própria condição.

³⁰ Cf. Sibilía, 2016, p.115.

³¹ *Rear Window*, Hitchcock, 1954. A imagem em questão faz parte do portfólio de Boris Rautenberg (s/d), que capturou 150 frames do filme para produzir o cenário que James Stewart via de sua janela. Outro projeto com a mesma base, produzido por Jeff Desom (2012), realizou um *timelapse* de todas as ações praticadas pelos vizinhos em plano aberto. Ambos podem ser acessados nos seguintes links <http://borisrautenberg.com/portfolio/rearwindow/> e <https://vimeo.com/37120554>.

³² *The Truman Show*, Peter Weir, 1998.

³³ *Blade Runner*, Ridley Scott, 1982.

³⁴ *The Purple Rose of Cairo*, Woody Allen, 1985; Cf. Baudrillard, 2004, p.61.

